PLACAR

- PRAGMATISMO OU ROMANTISMO: A POLÊMICA QUE ESQUENTA A SELEÇÃO
- OS BASTIDORES DA COPA
- TABELÃO E AS MELHORES IMAGENS DO MUNDIAL

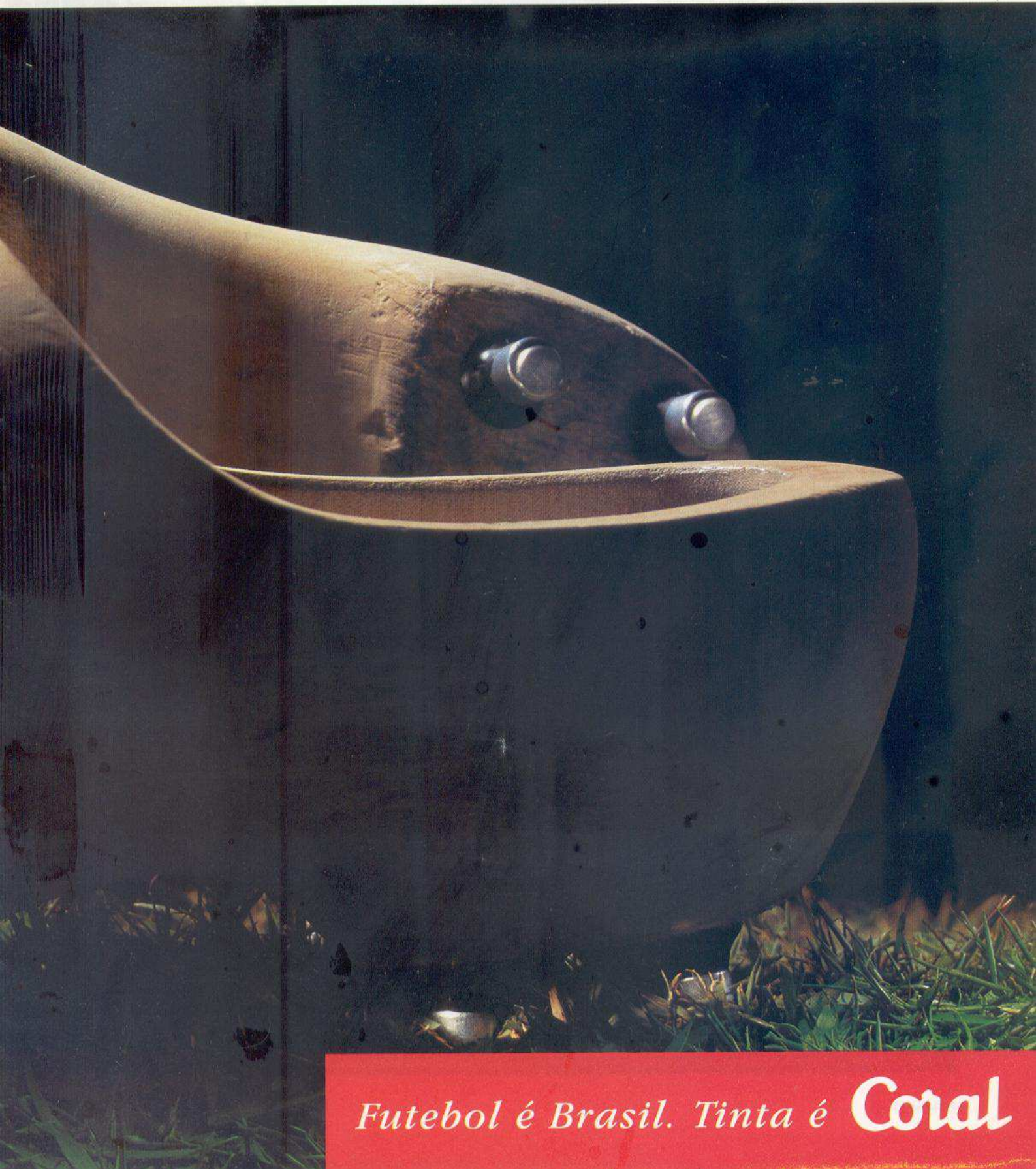
EDIÇÃO ESPECIAL Nº 5 JULHO DE 1994 R$ 3,00

Editora Abril

Perseguido por Mauro Silva e Dunga, Branco comemora o gol da vitória

Brasil 3x2 Holanda. Suco d

e laranja para 11, por favor.

FOOTE, CONE & BELDING

Seleção joga, finalmente, um futebol vibran

Brasil faz a melho

Depois da empolgante vitória sobre a Holanda, time de Parreira fica só a dois passos do tetra e leva a torcida a acreditar mais do que nunca no tão esperado título

Por **Juca Kfouri,** *de Dallas*

Foto de capa: Nelson Coelho

FOTOS NELSON COELHO

Romário comemora seu gol de joelhos: o Baixinho esteve infernal e levou os zagueiros holandeses à loucura

Se você acha, por exemplo, que em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, faz um calor infernal, venha a Dallas. Se o clima carioca não faz o seu gênero, imagine-se no Rio de Janeiro sem a brisa marinha. Dallas é assim. Um inferno. Programar um jogo para as duas e meia da tarde, com um calor de mais de 50 graus no gramado, é um desrespeito mesmo da FIFA aos atletas. Por isso, não se falava em outra coisa nos dois dias que precederam a partida diante da Holanda. Só o capitão Dunga era compreensivo, dando a medida de até que ponto os profissionais de hoje têm consciência do mundo em que vivem. "O calor é mesmo de rachar, dá até vertigem, a gente vê as coisas meio nubladas. Mas o horário do jogo tem de ser esse, por causa do televisionamento para a Europa. Não fosse assim, a Copa não renderia tanto e nem seria um evento de primeira grandeza", aceitava realista.

O calor, ao menos, seria pior para a Holanda. Só que Dallas viveu um dia de temperatura européia e ventania americana no 9 de julho. Deu para passar frio no Cotton Bowl, o estádio sem charme algum da cidade. De repente, frio e medo. Como Branco se comportaria diante do rapidíssimo ponta-direita Overmars? "Não vamos deixar que ele seja lançado em velocidade e o Branco tem experiência

O goleiro De Goeij abandona o gol n

te como o país inteiro pedia

r partida da Copa

tentativa desesperada de dividir com Bebeto. Em vão, o atacante brasileiro passou por ele e tocou mansamente para o fundo das redes: Brasil 2 x 0

REUTER

O holandês Van Vossen atropela Mauro Silva: um guerreiro que ainda encontrou tempo para tentar fazer o quarto gol de toda a sua carreira

suficiente para correr atrás dele usando os atalhos do campo", o mesmo Dunga fazia questão de tranqüilizar. A temperatura também seria uma boa aliada de Branco, embora, é claro, os holandeses fossem os mais beneficiados por ela.

E a bola rolou. E rolou, rolou e rolou, porque os dois lados sabiam que seria um jogo de paciência. O Brasil acertava os passes até que a bola chegasse aos pés de Zinho, mantido única e exclusivamente pela vontade de Parreira, pois até Zagalo, na quinta-feira, jogara a toalha. Por ironia, estava destinado a Zinho o papel que Zagalo desempenhara no auxílio a Nílton Santos, o excepcional lateral-esquerdo bicampeão mundial em 1958 e 1962. Zinho deveria secretariar Branco. Aos 20, o primeiro chute a gol, dado por Romário. Só aí a Holanda respondeu cruzando com certo perigo. Zinho perdia outra em seguida. Mauro Silva, em compensação, até tentava fazer o quarto gol da carreira dele (marcou um pelo Guarani, outro pelo Bragantino e mais um no La Coruña), aos 29. A Holanda também, às vezes, assustava um pouco. Só um pouco. O Brasil era superior e merecia estar vencendo. No último minuto, por pura falta de coragem, nem Zinho, nem Aldair, nem Romário (!) chutaram a bola que podia decretar o primeiro gol brasileiro, numa descida fulminante.

O Brasil joga um futebol empolgante e, pela primeira vez, levanta, literalmente, a galera

E Zinho voltou para o segundo tempo. Ele voltou novamente. De cara, nova vacilada de Romário, bem ele que não costuma perder a hora H, a hora de fazer a Holanda. Cadê o instinto assassino do Baixinho? Pausa para fazer justiça. Zinho já fez três ótimas jogadas. Será que vai? Vai. Vai porque Aldair desarma o passe de Rijkaard, lança Bebeto com perfeição e este cruza na medida para Romário responder aos angustiados aonde andava seu instinto assassino. Gol do Brasil. A Holanda está perdida. O Brasil começa a jogar um futebol empolgante e, pela primeira vez na Copa, levanta literalmente a galera. Bebeto, Romário, a dupla BR, quase amplia. O jogo é nosso, tem cheiro de taça no ar. Zinho tem ligeira recaída, erra de novo, mas é perdoado porque Bebeto está em todas as casas brasileiras marcando o segundo gol e comemorando o nascimento do filho Mattheus, embalando ao lado de Mazinho e Romário o sonho do tetra.

A vida é dura, a realidade cruel. Bergkamp é o nome da realidade, ao se aproveitar do cochilo de Márcio Santos: 2 x 1. Vem sofrimento aí. É hora de defender, mas... A pressão holandesa é terrível e, no escanteio, o empate — Winter de cabeça. O melhor jogo da Copa fica dramático, e Branco joga demais. Raí entra no lugar do Mazinho. De Mazinho, Parreira?! Branco bate a falta que sofreu. Gol de Branco!!!! Que cobrança perfeita! Não está mais aqui quem não o queria na Copa. Falta pouco, Brasil!!!

Já estamos entre os quatro, mas vamos buscar o quarto título. Agora dá pra sentir.

A BOMBA SANTA DE UM HERÓI MALDITO

Por Paulo Vinícius *Coelho, de Dallas*

Uma falta, uma bomba de canhota, um gol. Branco foi o herói brasileiro em Dallas. Antes do jogo, contudo, sua entrada na equipe ocupando a vaga de Leonardo — que já fora sua — era cercada de dúvidas e desconfianças. Dúvidas quanto ao seu condicionamento físico para marcar o veloz atacante holandês Overmars. Mas o lateral-esquerdo brasileiro superou tudo isso e sobrou em campo. "Ele marcou, e bem, um dos melhores atacantes da Copa. E só saiu porque se cansou", repetia enfaticamente o satisfeito Parreira. Feliz da vida, Branco fez questão de abraçar o médico Lídio de Toledo depois de marcar o gol da vitória: "Eu tinha de agradecer ao doutor porque foi ele quem me deu o apoio quando mais precisei", dizia. Emocionado, o jogador afirmava para todos os jornalistas que se fecharam ao seu redor que havia feito o gol mais importante de sua carreira. "Foi o gol cala-boca", desabafou. A bronca tinha endereço certo. Os jornalistas que se atropelavam por uma declaração do herói eram os mesmos que o criticaram no passado, pedindo a entrada de Leonardo na Seleção. Desavenças de lado, jogadores e comissão técnica se orgulhavam do resultado obtido e da façanha de ter levado o Brasil pela primeira vez em 16 anos às Semifinais de um Mundial. "Meu time sempre jogou o mais puro futebol brasileiro", gabava-se Parreira. Até Romário, desta vez, concordou com o treinador: "O Brasil mostrou o futebol-arte que sempre nos caracterizou". Já o técnico holandês, Dick Advocaat, preferiu a ironia. "Foi um jogo que teve tudo o que deveria", repetia, se referindo ao impedimento de Romário no gol de Bebeto. Com pose de verdadeiro político em palanque, Zagalo não se continha e soltava para quem quisesse ouvir: "Só faltam dois jogos! Só faltam dois jogos e seremos tetra!".

PEDRO MARTINELLI

O criticado Branco voltou ao time e fez o gol da vitória: herói da noite para o dia

A FICHA DO JOGO

Estádio: Cotton Bowl (Dallas)
Juiz: Rodrigo Badilla (Costa Rica)
Substituições: Roy no lugar de Van Vossen, 8; Ronald de Boer no de Rijkaard, 20; Raí no de Mazinho, 35; e Cafu no de Branco 45 do 2º
Público: 63 998
Estado do gramado: bom
Gols: Romário 6, Bebeto 16, Bergkamp 18, Winter 30 e Branco 36 do 2º
Cartão amarelo: Winter e Dunga

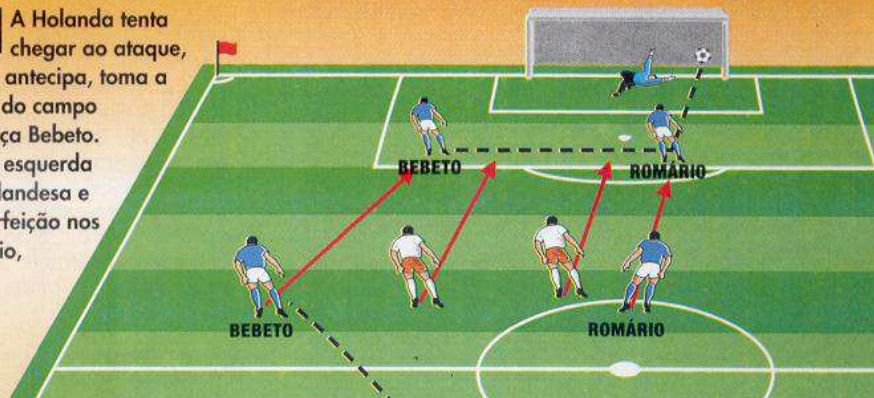
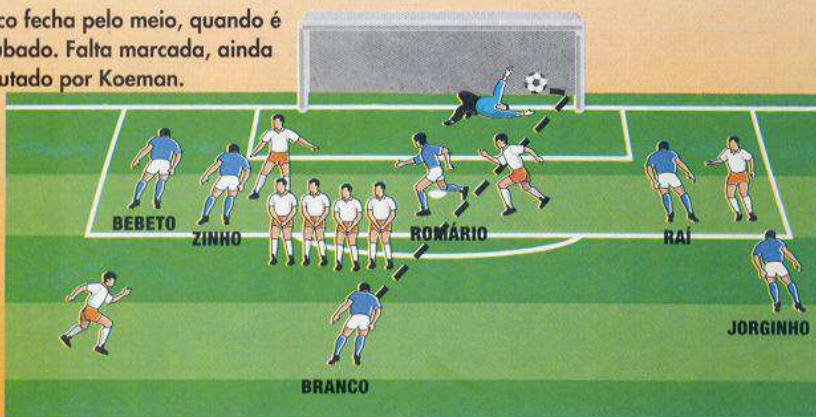
ESCALAÇÕES E NOTAS

BRASIL		HOLANDA	
(1) TAFFAREL	6	(1) DE GOEIJ	6
(2) JORGINHO	7	(18) VALCKX	5
(13) ALDAIR	7	(4) KOEMAN	6
(15) MÁRCIO SANTOS	6	(5) ROB WITCHGE	6
(6) BRANCO	9	(20) WINTER	7
(5) MAURO SILVA	8	(3) RIJKAARD	4
(8) DUNGA	7	(6) WOUTERS	5
(9) ZINHO	5	(8) JONK	6
(17) MAZINHO	5	(7) OVERMARS	5
(7) BEBETO	7	(10) BERGKAMP	6
(11) ROMÁRIO	7	(19) VAN VOSSEN	4
(10) RAÍ	6	(11) ROY	5
(14) CAFU	6	(9) RONALD DE BOER	5
TÉCNICO:		TÉCNICO:	
CARLOS A. PARREIRA	7	DICK ADVOCAAT	6

1º TEMPO O Brasil começou com cautela. Branco e Jorginho pouco apoiaram nas jogadas de ataque. O meio-campo, coordenado pelo capitão Dunga, tocou com mais rapidez e precisão em relação aos jogos anteriores. Bebeto e Romário novamente se revezaram no ataque trocando de lado

2º TEMPO Com os dois gols, o Brasil recuou e deu espaço para os holandeses. O meio-campo marcou duro e as poucas jogadas criadas partiram de Zinho. Pressionado em sua defesa, o time passou a explorar os contra-ataques de Romário e Bebeto

O LANCE DE PLACAR

6 do 2º A Holanda tenta chegar ao ataque, mas Aldair se antecipa, toma a bola e, ainda do campo brasileiro, lança Bebeto. Ele corre pela esquerda até a área holandesa e cruza com perfeição nos pés de Romário, que manda a bola para as redes. De primeira. Brasil 1 x 0

36 do 2º Branco fecha pelo meio, quando é derrubado. Falta marcada, ainda caído, o lateral é chutado por Koeman. Instantes depois, é Branco que dá um chute. Na bola. Ela sai com efeito, passa ao lado da barreira, depois entre Romário e um holandês e vai parar nas redes. É o gol da grande vitória: Brasil 3 x 2

DESEMPENHO DOS JOGADORES

DEFESA

O setor estava tranqüilo nesta Copa do Mundo, até a Holanda, perdendo por 2x0, começar a atacar. Aí a casa desabou e os holandeses empataram. Provavelmente faltou alguém com maior experiência, como Ricardo Rocha ou Ricardo Gomes

MEIO-CAMPO

Mauro Silva foi um leão em campo. Dunga jogou o seu futebol habitual e um pouco mais, enquanto Mazinho não fez, outra vez, o que se espera dele. Desta vez, Zinho, no segundo tempo, até que progrediu

ATAQUE

Bebeto e Romário continuam muito isolados lá na frente. Mesmo assim, foram os responsáveis por jogadas que nos fazem lembrar do que houve de melhor no futebol brasileiro. Os dois foram responsáveis pelos momentos de maior emoção no melhor jogo desta Copa até aqui

O PIOR

Um time que proporciona o espetáculo dado pelo Brasil não tem pior em campo. Em uma partida que teve os jogadores atuando com firmeza, e categoria, o lado negativo foi o juiz costariquenho Rodrigo Badilla. Mas seu maior erro foi a nosso favor. Romário estava impedido no gol de Bebeto

O MELHOR

Branco foi o destaque do Brasil. Não só pelo gol de falta, sofrida por ele mesmo, que definiu a vitória e a classificação. Isso apenas coroou uma atuação firme, marcando com eficiência o mais perigoso atacante holandês, o ponta Overmars, esbanjando categoria e experiência. Calou a boca de todos os seus críticos. Inclusive a nossa

ILUSTRAÇÕES ART COR E FORMA

VOCÊ SABIA...

Que esta foi a sexta vez que o Brasil entrou em campo numa Copa do Mundo usando seu uniforme azul e que na maioria das vezes em que isso aconteceu a sorte esteve do lado da Seleção. Foram quatro vitórias (**5 x 2 contra a Suécia, em 1958; 2 x 1 contra a Argentina, em 1974; 3 x 1 contra a Polônia, em 1978; e 3 x 2 contra a Holanda, em 1994**), uma derrota (**0 x 2 para a Holanda, em 1974**) e um empate (**1 x 1 contra a Suécia, em 1994**).

Que dos onze titulares que enfrentaram a Holanda nestas quartas-de-final, o lateral Branco é o único jogador a completar dez partidas pela Seleção Brasileira em Copas do Mundo.

Que o Brasil tem seu melhor desempenho ofensivo entre os 16 e os 30 minutos do segundo tempo das partidas disputadas nesta Copa, e que o time rende mais no segundo tempo (oito gols marcados) do que na primeira etapa das partidas (apenas dois gols). A Seleção ainda não conseguiu marcar gols nos primeiros quinze minutos de jogo e só contra a Holanda fez um gol (o da vitória) nos últimos quinze minutos. Confira:

DESEMPENHO BRASILEIRO

1º TEMPO	GOLS
Do 1º aos 15 minutos	0
Dos 16 aos 30	1
Dos 31 aos 45	1

2º TEMPO	GOLS
Do 1º aos 15 minutos	3
Dos 16 aos 30	4
Dos 31 aos 45	1

Que Bebeto é o quarto maior artilheiro da história da Seleção Brasileira em jogos oficiais. Com o gol sobre a Holanda, chegou aos 34, encostando em Jairzinho, que tem 38. Zico fez 53 gols pelo Brasil e Pelé, o líder disparado das estatísticas, chegou aos 77. Romário é o oitavo, agora ao lado de Careca, com 29 gols.

Que ao vencer a Holanda por 3 x 2, o Brasil igualou o número de vitórias em confrontos com os holandeses.

Ano	Competição	Resultado
1952	Olimpíadas	5 x 1
1963	Amistoso	0 x 1
1974	Copa	0 x 2
1994	Copa	3 x 2

ZEKA ARAÚJO

Neeskens soca o ar na festa do primeiro gol da Holanda: o Brasil de Zagalo começava a dar adeus ao sonhado tetra

FICHA TÉCNICA

ALEMANHA/1974
BRASIL 0 X 2 HOLANDA
Data: 03/julho/1974
Local: Westfallestadion (Dortmund);
Juiz: Kurt Tschencher (Alemanha Ocidental);
Público: 53 000;
Gols: Neeskens 5 e Cruijff 19 do 2º; Expulsão: Luís Pereira;
Competição: Copa do Mundo;
HOLANDA: Jongbloed, Suurbier, Krol, Hann e Rijsbergen; Neeskens (Israel), Van Hannegam e Jansem; Rep, Cruijff e Resenbrink (De Jong). **Técnico:** Rinus Michelss
BRASIL: Leão, Zé Maria, Luís Pereira, Marinho Peres e Marinho Chagas; Paulo César Carpeggiani, Rivelino e Paulo César Caju (Mirandinha); Valdomiro, Jairzinho e Dirceu. **Técnico:** Zagalo

O Brasil dança no carrossel

O técnico Zagalo não levava fé na revolucionária Holanda. Mas, em campo, a Laranja Mecânica triturou os canarinhos

Alemanha, 1974. De um lado, estavam os tricampeões do mundo; do outro, a Seleção de um país que só havia disputado duas Copas — 1934 e 1938 — e, ainda assim, com participações pífias. Mas o que se viu foi o time brasileiro levar um passeio. A partida terminou 2 x 0 para a fantástica Holanda de Johan Cruijff diante do Brasil do técnico Zagalo, o mesmo que, antes do jogo, afirmara pouco se preocupar com o futebol revolucionário da equipe holandesa, já então conhecida como Carrossel e Laranja Mecânica. Após a aula de futebol, o treinador teve que dar o braço a torcer. Pode ter sido duro para o intransigente Zagalo, mas não havia como negar: o time dirigido por ele perdeu a única partida realmente importante em toda a história dos confrontos entre Brasil e Holanda *(N.R.: antes de 1974, o Brasil vencera por 5 x 1, em 1952, e perdera por 1 x 0, em 1963. Mais tarde, em 1989, voltou a ganhar por 1 x 0).*

"O Zagalo poderia optar por uma formação ofensiva. Afinal, o ponta-esquerda Edu, em grande forma, estava no banco", recorda Luís Pereira, que, expulso naquele famoso jogo, deixou o campo mostrando a camisa azul do Brasil aos mais de 30 000 holandeses que atravessaram a fronteira alemã para vibrar com a Laranja Mecânica, que garantiu a vaga na final da Copa com a vitória em Dortmund. "A falta de ofensividade vem se repetindo com a dupla Zagalo/Parreira há vinte anos", constata Luís Chevrolet, como também era chamado o becão, até hoje correndo atrás da bola — aos 45 anos é técnico e zagueiro do São Bento de Sorocaba, São Paulo.

O ex-craque do Palmeiras lembra que, apesar do impressionante futebol que praticava, a Seleção Holandesa respeitou a do Brasil. "Eles temiam nossa camisa", frisa. Com o rolar da bola, depois de uma primeira etapa em que os brasileiros estiveram perto, mas não chegaram ao gol, o Carrossel Holandês fez o time de Zagalo girar até cair tonto. Verdadeiro nocaute com dois gols em menos de vinte minutos. Uma lição difícil de esquecer.

LEMYR MARTINS

Luís Pereira (2) é expulso: cartão vermelho para o Brasil na Copa

Entre a pura arte e o

O que é melhor: jogar feio e vencer ou aliar exibições de gala às vitórias? A Seleção d

Por* Juca Kfouri, *de São Francisco

Cada vez mais o mundo do futebol está dividido entre pragmáticos e sonhadores. No time dos primeiros estão, por exemplo, o treinador brasileiro Carlos Alberto Parreira, quase todos os jogadores da Seleção e a esmagadora maioria dos jornalistas estrangeiros que cobrem esta XV Copa do Mundo. Entre os românticos, está quase a totalidade dos jornalistas brasileiros e, pelo menos, o melhor jogador da equipe brasileira, o artilheiro Romário. "Em matéria de dedicação e seriedade este time é muito bom. Mas o futebol que tem jogado, como de resto o nível geral da própria Copa, é muito baixo", fulminou o Baixinho após a vitória diante dos Estados Unidos.

Bela discussão! Parreira faz questão de repetir que só os europeus gostam de ver o Brasil jogando ao estilo de 1982 "porque a gente acaba perdendo." Os acusados de tamanho maquiavelismo reagem, e quatro em cada cinco deles afirmam não entender a insatisfação da imprensa brasileira com o time atual, argumentando que a Seleção é extremamente competitiva, capaz de criar de cinco a seis chances de gol por partida sem quase ser ameaçada. "Desde os jogos das Eliminatórias disputados no Brasil, vocês passaram por raras situações perigosas e o gol que tomaram da Suécia foi daqueles que acontecem a cada dez anos", argumentava um jornalista holandês em Dallas, apoiado por gestos vigorosos vindos de um americano, dois alemães e outro da Holanda.

1970

1982

J. B. SCALCO

LEMYR MARTINS

O timaço do tri festejou em 1970, mas a equipe de Telê, que encantou o mundo, chorou em 1982: o talento nem sempre vence

O BRASIL DO FUTEBOL ROMÂNTICO

COPA	JOGOS	GOLS	MÉDIA	COLOCAÇÃO	TÉCNICO
1950	6	22	3,66	2º	Flávio Costa
1958	6	16	2,66	1º	Vicente Feola
1970	6	19	3,10	1º	Zagalo
1982	5	15	3,00	5º	Telê Santana

Terá o futebol mudado a tal ponto que a cultura brasileira ainda não percebeu? Contra o raciocínio de Parreira, é claro, sempre se poderá argumentar que o Brasil jogou pragmaticamente nas Copas de 1974, 1978 e 1990, perdendo todas elas e sem sequer deixar saudades como em 1982. Mas enquanto o time que ele dirige seguir adiante — e ele já está entre as quatro melhores — nada há de convencê-lo.

O pior — ou o melhor — é que nem os números o desmentem. As estatísticas do preparador físico Moraci Sant'Anna demonstram que o time de Parreira tem a posse de bola por mais tempo do que as Seleções do

futebol de resultados

Parreira reacende nos gramados americanos esta velha polêmica

NÉLSON COELHO

PEDRO MARTINELLI

Time de Parreira ressuscita com sucesso o pragmatismo que o argentino Caniggia parecia ter enterrado com seu gol em 1990

O BRASIL DO FUTEBOL PRAGMÁTICO

COPA	JOGOS	GOLS	MÉDIA	COLOCAÇÃO	TÉCNICO
1974	7	6	0,85	4º	Zagalo
1978	7	10	1,42	3º	Cláudio Coutinho
1990	4	4	1,00	9º	Sebastião Lazaroni
1994*	4	7	1,75	1º*	Carlos A. Parreira*

*Até as oitavas-de-final

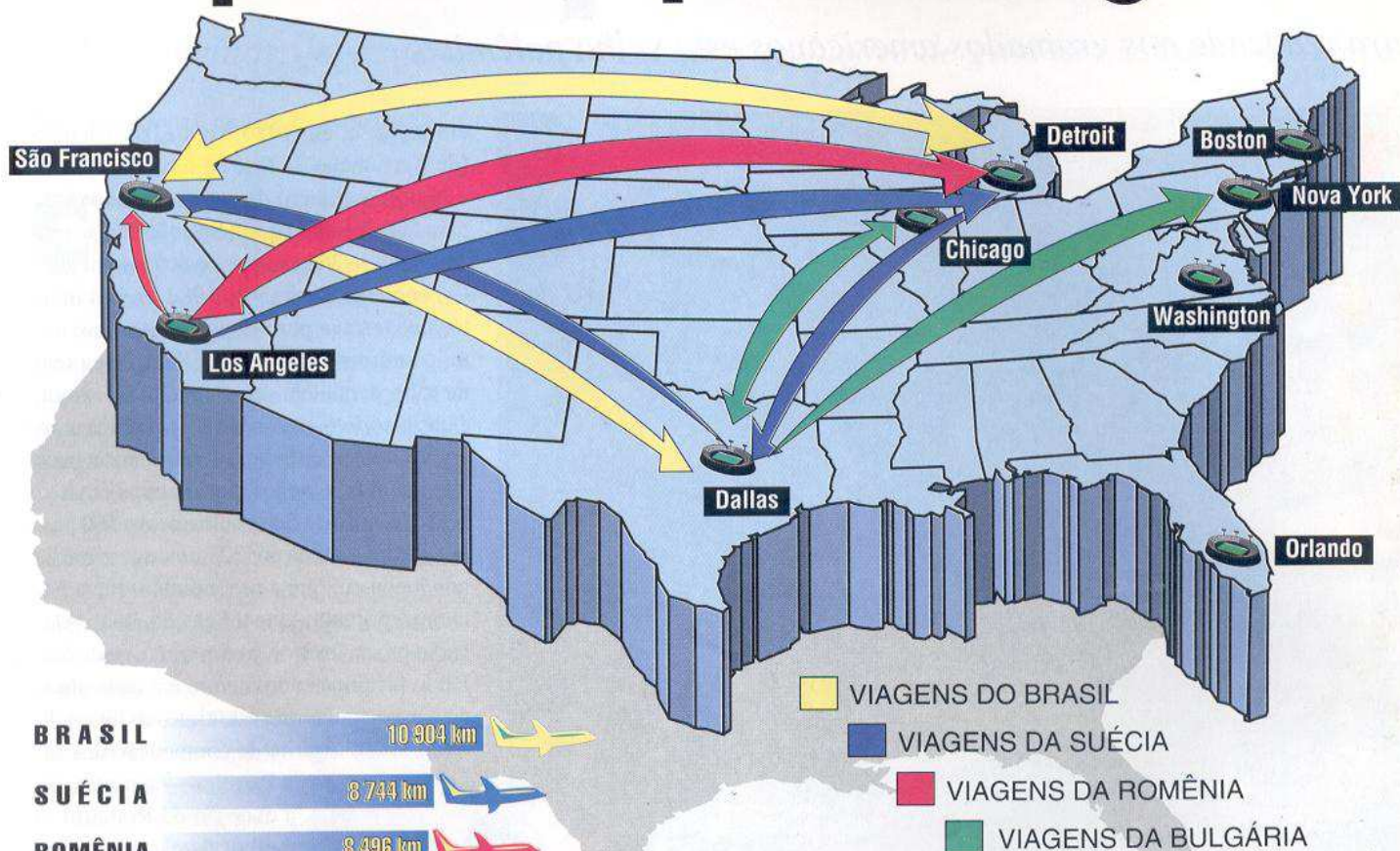
romântico Telê Santana de 1982 e 1986, e até mesmo do que o São Paulo bicampeão mundial. "Não tenho nenhuma restrição a atacar até com dez jogadores, mas antes é preciso ter a bola", Parreira repete à exaustão. E os números lhe dão razão. Até a partida contra os Estados Unidos, sua equipe trocou, em média, 612 passes por jogo e teve a bola em 39 dos 60 minutos em que ela rolou durante as partidas. Em 1982, na Espanha, o time que tinha no meio-campo Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico, coadjuvados por Paulo Isidoro, trocava 600 passes em média e, em 1986, com Elzo, Alemão (duas renúncias de Telê ao sonho), Sócrates e Júnior, o número de passes trocados caía para 580. Verdade que a Seleção de Parreira erra mais — 26 passes equivocados por jogo —, enquanto o time de 1982, muito mais técnico, errava por volta de vinte (esse é o único número que Moraci Sant'Anna tem na cabeça, não em seu computador). Aqui, é obrigatório mencionar que quem fica mais tempo de posse da bola tende a errar mais que quem fica menos, por motivos óbvios.

Já o timaço do São Paulo trocava 500 passes e retinha a bola por 32 minutos em média nos jogos em que a redondinha rolava 54, menos, portanto, que a Seleção atual. Alegarão os românticos, e com razão, que o São Paulo bicampeão do mundo era mais ousado e espetacular que este time em busca do tetra. Mas o espírito de competição dos satisfeitos pupilos de Parreira — sempre com a exceção de Romário, o melhor da classe —, não significa, por exemplo, que temos uma equipe faltosa. Só a Bolívia, a Rússia e a Suécia fizeram menos faltas que o Brasil (veja as estatísticas dos oito melhores times desta Copa do Mundo na página 20).

Na disputa entre práticos e idealistas, só há uma pergunta que os primeiros não respondem adequadamente. A vitória mesmo que sem brilho, a competividade e a determinação são os elementos fundamentais que levam o torcedor comum a lotar os estádios? Ou ele prefere a beleza e a magia, que também não significam necessariamente derrota? Afinal, como dizia o já saudoso moleque Dener, "há dribles que são mais importantes que o gol." Provavelmente uma frase condenada a ser língua morta no dicionário do futebol moderno.

Campeões de quilometragem

São Francisco
Detroit
Boston
Nova York
Chicago
Washington
Los Angeles
Dallas
Orlando

VIAGENS DO BRASIL
VIAGENS DA SUÉCIA
VIAGENS DA ROMÊNIA
VIAGENS DA BULGÁRIA

BRASIL	10 904 km
SUÉCIA	8 744 km
ROMÊNIA	8 496 km
BULGÁRIA	5 666 km
ALEMANHA	4 328 km
HOLANDA	3 357 km
ESPANHA	3 339 km
ITÁLIA	1 086 km

Entre as oito Seleções que chegaram às quartas-de-final da Copa, o Brasil já é o campeão... de vôo. Os jogadores brasileiros foram os que mais quilômetros percorreram (10 904) nas duas primeiras fases do Mundial, com uma diferença de 2 160 km sobre os suecos, 2 408 km a mais que os romenos e 5 238 km mais que os búlgaros. Enquanto isso, os italianos foram os que menos viajaram nos Estados Unidos: voaram apenas 1 086 km. Em compensação, o Brasil, se conseguir a classificação, jogará a Semifinal em Los Angeles, cidade da decisão do título. Seu adversário da Final terá, no entanto, de atravessar os Estados Unidos de costa a costa, saindo de Nova York, sede da outra Semifinal, para chegar à capital da Califórnia. São exatos 4 685 quilômetros separando as duas metrópoles norte-americanas.

PRIMEIRO MUNDO

Desenvolvimentos econômico e futebolístico nem sempre andam lado a lado. Países ricos, como a Suécia, onde, em média, cada habitante ganha mais de 25 000 dólares, ficam atrás de nações como o Brasil, que tem renda per capita mais de dez vezes menor. Por outro lado, países como Itália e Alemanha conseguem ser bons de bola e de dólares

*Classificação atribuída de acordo com os pontos acumulados em Copas do Mundo

PASSE CURTO

Dunga: odiado por Mário Sérgio

DESAMOR ETERNO

Do ex-jogador e atualmente comentarista da Rede Bandeirantes de Televisão, Mário Sérgio, sobre o volante Dunga: "Não gosto dele, temos problemas pessoais antigos. Já pedi ao Mauro Silva para avisá-lo de que, se jogar bem, vou reconhecer isso sem problemas, mas que torço sempre pra ele ser o pior em campo."

N.R.: os alegados "problemas pessoais antigos" com Dunga são na verdade um só. O comentarista acredita ter sido o volante da Seleção quem denunciou a PLACAR, em outubro de 1984, as tentativas de Mário Sérgio para dopar todo o time do Internacional no jogo contra o Flamengo pelo Campeonato Brasileiro daquele ano.

ARTILHEIRO BOM DE BOLO

Romário apostou 10 000 dólares com o espanhol Salinas, outros 10 000 com o búlgaro Stoichkov, e mais 10 000 com o holandês Koeman — seus companheiros de Barcelona — que o Brasil chegaria na frente da Espanha, Bulgária e Holanda. Podia perder 30 000 dólares. Já não perde mais.

PATRIOTISMO MUTILADO

Ao menos aparentemente, o técnico Alfio Basile foi o membro da delegação argentina que mais sofreu com a eliminação de sua equipe. Desde antes da partida contra a Romênia, pressentindo a eliminação, Basile andava de um lado para o outro do campo. Na hora do hino, com a mão no coração, cantava como se partisse para uma guerra. Mas como se tratava apenas de um jogo de futebol, os romenos venceram por 3 x 2.

Basile: "guerra" perdida

FOTOS NELSON COELHO

O MAIOR PÚBLICO DA HISTÓRIA DAS COPAS

A partida Espanha 3 x Suíça 0 marcou um novo recorde nas Copas. Os 53 121 torcedores que foram ao Estádio JFK, em Washington, elevaram para 2 533 463 o número de espectadores neste Mundial, superando todo o público de 1990. Até o encerramento das oitavas-de-final, o número subiu para 2 955 108 torcedores, uma média de 67 162 por jogo. Na partida entre Itália X Espanha, abrindo as quartas-de-final, outra marca histórica: o total de público do Mundial ultrapassou a casa dos três milhões de torcedores — 20% a mais do que os 2 517 348 da Copa da Itália.

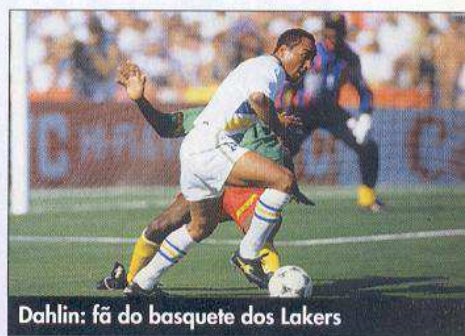
O CAMPEÃO DAS ASSISTÊNCIAS

A falta de brilho da Alemanha no início da Copa não evitou que o meia Hässler se tornasse um dos principais jogadores da equipe e um forte candidato à Seleção do Mundial. É o que mostram as estatísticas. Dos oito gols alemães na Primeira Fase, cinco nasceram de jogadas do baixinho de 1,65 m, que vive um dos melhores momentos de sua carreira. O número de passes precisos faz de Hässler o campeão de assistências. Atrás dele, uma série de jogadores, mas todos com apenas duas assistências.

MATHÄUS E A LUTA PELO RECORDE

Enfrentar a Bulgária tinha uma importância extra para Lothar Mathäus, já recordista de participações na Seleção Alemã com 121 presenças. O craque sabia que jogando e vencendo, estaria perto de outro recorde. Beneficiado pela repentina ausência de Maradona — eliminado da competição justamente quando iria completar 22 partidas em Copas do Mundo —, Mathäus ganhou a chance de chegar sozinho a esse número de 22 jogos em Mundiais nas Semifinais. Ao todo, o camisa 10 da Seleção Alemã disputou dois jogos na Copa da Espanha, em 1982, quando foi vice-campeão; sete na do México, em 1986, chegando de novo ao vice; e outros sete na da Itália, em 1990, quando ergueu a taça de campeão.

Mathäus: superando marcas

AFP

Dahlin: fã do basquete dos Lakers

NA COPA, TORCENDO PELO BASQUETE

O sueco Martin Dahlin escolheu a hora errada para chegar aos Estados Unidos. Poucos dias depois da final da NBA — vitória do Houston Rockets sobre o New York Knicks —, o camisa 10 da Suécia deixou claro que é fanático pelo basquete profissional dos americanos. "Assisto sempre que posso e gostaria de poder ver algum jogo ao vivo no ginásio", confessou. Mas, mesmo que não estivesse concentrado e pudesse assistir à decisão da NBA, ele provavelmente não torceria por qualquer uma das duas equipes finalistas: Dahlin é fã de carteirinha do Los Angeles Lakers, eliminado na primeira fase do campeonato profissional.

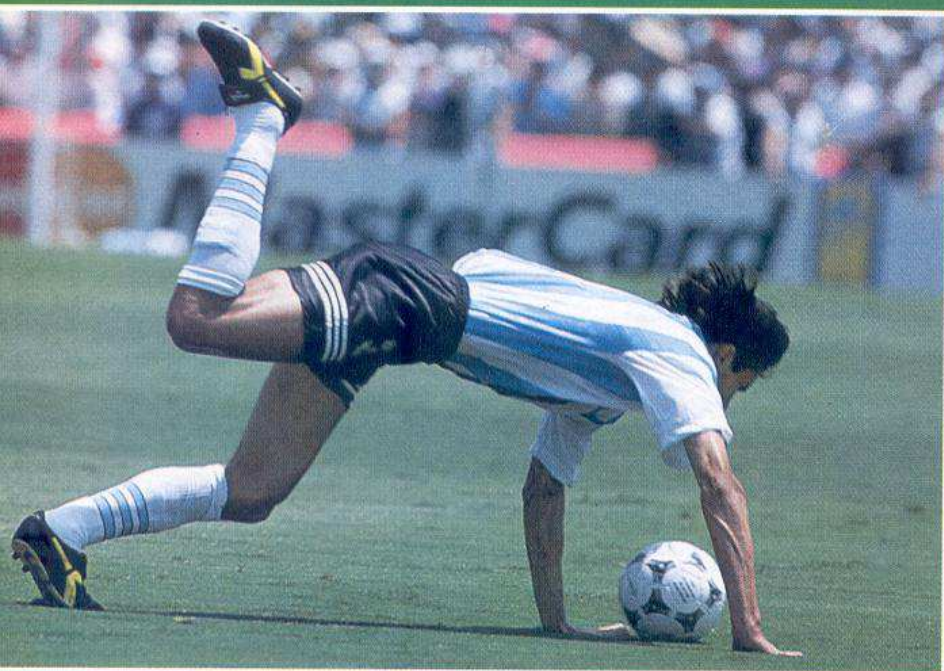
A ALEGRIA SAI DE CAMPO

A Romênia escolheu o mesmo campo do Brasil para treinar antes das quartas-de-final. A até então eufórica Universidade de Santa Clara, que recebia centenas de torcedores, perdeu a alegria. Os romenos foram obrigados a treinar de arquibancadas vazias e fizeram até os jornalistas manterem seus olhos distantes dos jogadores. Do lado de fora, impedidos de entrar pelos policiais, estavam apenas dois torcedores com a bandeira do país estampada nas camisas.

Da arte do vôo sobre a grama

Pássaros? Apenas jogadores vencendo momentaneamente a gravidade. Como prêmio, ganham não a maciez da glória, mas a dureza do chão

FOTOS NELSON COELHO

Show dos ases platinos
O argentino Batistuta *(acima)* leva uma rasteira romena e levanta vôo. Já seu compatriota Chamot *(abaixo)* faz um pouso deselegante. Mas emergência é isso mesmo

Os Camarões voadores
O camaronês Mbouh mostrou ser um craque em sua imitação de planador. Pena que na foto ele já esteja no final da demonstração, como indicam seus trens de pouso abaixados

Falha mecânica ou humana?
Além de não ter jogado bem na Primeira Fase da Copa, Raí também andou errando os cálculos na hora de fazer o *looping*. *Pelo jeito, seu leme traseiro acabou sofrendo avarias sérias com a barbeiragem*

O piloto fugiu
O becão boliviano Melgar e o atacante espanhol Felipe aterrisam de barriga na mesma pista, para espanto do goleiro Trucco, improvisado de balizador

REUTER

Suécia ou

Suecos e romenos decidem neste domingo, no Rose Bowl,
do Mundial. O repórter **Paulo Vinícius Coelho** *foi a Los*

BATE BOLA

Tommy Svensson,
técnico da Suécia

NELSON COELHO

"ESTAMOS DISPUTANDO O TÍTULO"

PLACAR — Esta é a melhor campanha sueca desde 1974. Qual a diferença do atual time para os anteriores?
Svensson — Não gosto de comentar o trabalho de meus antecessores. Digo apenas que treinamos muito, há quatro anos, para termos bons resultados no Mundial.

PLACAR — A Suécia pode continuar surpreendendo e ir à Final da Copa?
Svensson — Evidente que sim. Já demonstramos ter bons jogadores, formando uma boa equipe que consegue bons resultados. Viemos em busca do título. Se não fosse assim, ficaríamos lá na Suécia.

PLACAR — A Seleção Sueca continuará obtendo bons resultados no futuro?
Svensson — Asseguro que sim. Nosso time é jovem e posso garantir que temos um bom trabalho de renovação. Outros valores continuarão surgindo.

PLACAR — A que o senhor atribui a supremacia européia em relação à América nesta Copa?
Svensson — A organização do futebol europeu é responsável por esse resultado. Sem ordem e disciplina não se consegue nada, e na Europa temos esta qualidade de sobra.

O empate de 1 x 1 em Detroit, na Primeira Fase da Copa do Mundo, não parecia preocupar a Seleção Brasileira. Desde os vestiários, logo depois do mais criticado resultado do time de Parreira, todos eram unânimes em afirmar: o campo, de dimensões inferiores às oficiais da FIFA, e a classificação antecipada foram os fatores que atrapalharam na busca pela vitória. Quinze dias depois do empate de Detroit, o Brasil poderá ter a chance de mostrar que os suecos não assustam.

A Suécia também faz a melhor campanha em Mundiais desde o vice-campeonato de 1958, e carrega a disposição de chegar à sua primeira decisão fora de casa *(N.R.: a única foi em 1958, quando perdeu para o Brasil)*. "Mas sabemos que os brasileiros formam um grande time", garante o atacante Martin Dahlin. "De quebra, contam com a imprevisibilidade de Romário", adianta o goleador sueco, que, suspenso, não participou do 1 x 1 de Detroit.

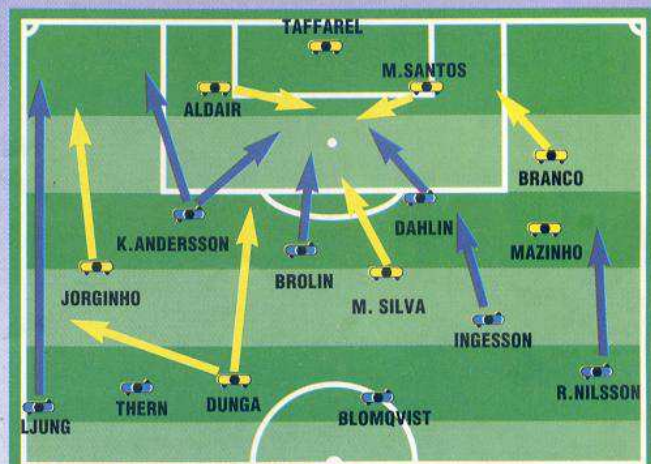
BRASIL X SUÉCIA						
J	V	E	D	GP	GC	SG
12	6	5	2	30	18	12

Facilitando a vida do craque brasileiro, a Suécia faz boa campanha, mas segue apresentando defeitos na defesa. Para completar, além da vulnerabilidade do lado direito, setor por onde foi criado o gol de Romário no último confronto, o quarto-zagueiro Bjorklund não apresenta a mesma eficiência. Uma provável solução para o problema da defesa é a entrada de Pontus Kamaark, que atuou contra o Brasil na Primeira Fase e demonstrou eficiência.

"Estamos surpreendendo a todos nesta Copa, inclusive à imprensa internacional. Nosso desempenho só não surpreende a nós mesmos", frisa o atacante Keneth Andersson, parceiro de Dahlin no ataque e autor do gol sueco no empate com o Brasil em Detroit. De qualquer forma a Suécia continuará sendo um time inferior ao de Parreira. E terá tudo para sair do Rose Bowl, na quarta-feira, diretamente para a decisão de terceiro e quarto lugares. O que já será excelente para o time sueco.

COMO GANHAR

Diante dos gigantes que formam a defesa da Suécia, cruzamentos sobre a área continuam sendo um caminho difícil para o ataque brasileiro. Apesar da barreira que se forma diante da grande área sueca, furar este bloqueio com tabelas entre os atacantes, laterais e meias do Brasil ainda é a melhor alternativa para que a bola chegue perto do gol. Os zagueiros Patrick Anderson e Bjorklund são fracos

ART COR E FORMA

COMO NÃO PERDER

Keneth Andersson e Dahlin formam uma dupla perigosa no ataque sueco, aliando oportunismo à técnica de razoável para boa. De quebra, o habilidoso e criativo Brolin vem de trás apoiá-los. Marcar o trio em cima e ter atenção total com as bolas altas sobre a área são os cuidados que o Brasil deve tomar para não sofrer gol. Nas bolas paradas, atenção com Ljung e Ingesson que são bons no cabeceio

Romênia?

quem brigará com o Brasil por uma vaga na decisão
Angeles descobrir os segredos das duas Seleções

Se a Seleção Romena for a adversária do Brasil, na tarde de quarta-feira (20h30, horário de Brasília), o time de Carlos Alberto Parreira estará diante do maior desafio que já enfrentou nesta Copa. Embora longe de possuírem um time brilhante, os romenos mostraram as duas virtudes que mais incomodam a Seleção de Parreira: uma defesa de forte marcação individual, que se fecha com até dez jogadores, e muita velocidade nos contra-ataques. De quebra, a luminosidade do meio-campo, que sempre sobrou ao Brasil no passado, agora está a serviço do inimigo, veste a camisa 10 e atende pelo nome de Gheorge Hagi.

"O jogo deles é todo concentrado nos contragolpes", alerta o espião Júnior, que acompanhou a Romênia durante toda a competição. Prova disso é que, na única partida em que saíram em desvantagem, os romenos sofreram uma derrota por acachapantes 4 x 1, contra a Suíça. Se fazer um gol facilita as coisas, sofrê-lo pode representar para o Brasil o mesmo destino cruel que tiveram Colômbia, Estados Unidos e Argentina. As três Seleções desperdiçaram boas oportunidades no início, sofreram gols de contra-ataques antes dos vinte minutos e só então perceberam: em vantagem, a Romênia dá pouquíssimas chances de recuperação para qualquer adversário.

Isso é resultado do sistema defensivo implantado pelo técnico Anghel Iordanescu, que pede aos zagueiros Prodan — o marcador de Romário — e Mihali para exercerem marcações individuais implacáveis, enquanto o líbero Belodedici cobre eventuais falhas. De quebra, os romenos fecharão os espaços nas beiras do campo: Munteanu ou Selymes cercarão Jorginho pelo lado direito e Petrescu cobrirá os avanços do lateral-esquerdo brasileiro. Tudo para liberar o talento de Raducioiu, Dumitrescu e, principalmente, do endiabrado canhoto Hagi. "Só os estrangeiros se surpreendem conosco", provoca o goleiro Prunea.

BRASIL X ROMÊNIA						
J	V	E	D	GP	GC	SG
6	5	0	1	13	5	8

BATE BOLA

Anghel Iordanescu,
técnico da Romênia

NELSON COELHO

"HAGI É O CRUIJFF DA ROMÊNIA"

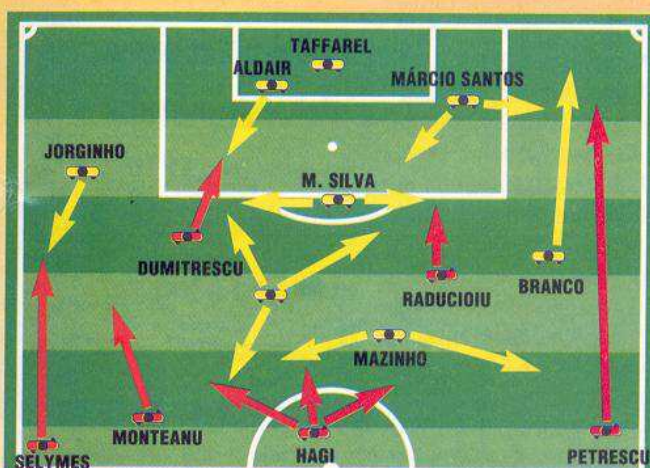
PLACAR — Para vocês, qual a importância de sair na frente no marcador?
Iordanescu — É um passo importante em direção à vitória. O jogo contra a Argentina mostrou isso. Fizemos 1 x 0, cedemos o empate, mas viramos o primeiro tempo de novo em vantagem. Não fosse assim, talvez o destino do jogo fosse outro.

PLACAR — Faltam ajustes no seu time?
Iordanescu — Não há o quer acertar. O time está jogando bem posicionado e proporcionando belos espetáculos.

PLACAR — O que representa o futebol de Hagi para seu time?
Iordanescu — Hagi não significa algo especial apenas para meu time, mas também para a história do futebol romeno. Ele é, para nós, o mesmo que Maradona foi para a Argentina. Tem a mesma importância histórica para a Romênia que Johan Cruijff teve para o futebol da Holanda.

PLACAR — Até onde pode ir a Romênia?
Iordanescu — É a melhor fase do futebol romeno na história. O importante é que conseguimos dar uma grande alegria ao nosso povo, a maior depois da Revolução que depôs a ditadura de Ceaucescu, em 1989.

COMO GANHAR

Furar o bloqueio defensivo da Romênia exigirá paciência. As menores dificuldades estão pela direita do ataque, aproveitando as idas de Jorginho à linha de fundo. As trocas de passes devem ser rápidas e precisas. E o Brasil não deve ter medo de chutar de fora da área. O líbero Belodedici é experiente e seguro, mas seus companheiros de zaga nem tanto. As subidas de Petrescu podem ser exploradas

COMO NÃO PERDER

Um gol no início é importante, mas o Brasil não pode ir ao ataque apavoradamente. Os contra-ataques romenos são mortais, principalmente a partir de Hagi e da velocidade de Raducioiu, que liqüidou a Colômbia, e Dumitrescu, que aniquilou a Argentina. As descidas de Petrescu pelo lado direito merecem atenção. Foi através de um gol do lateral-direito que os romenos venceram os Estados Unidos

"A época do futebol só de talento já acabou"

Sensação da Copa, o estilista romeno da camisa 10 elogia o estilo Parreira da Seleção do Brasil e garante que o atual time da Romênia ainda tem futuro

Por **Paulo Vinícius Coelho**, *de São Francisco*

Terminadas as Primeira e Segunda Fases do Mundial, uma certeza tomou conta de boa parte do público que acompanha a competição: aquele meia da Romênia, baixinho, meio atarracado, de toques precisos com o pé esquerdo e lançamentos geniais era, com certeza, o único jogador capaz de lembrar o estilo dos grandes armadores, uma espécie praticamente em extinção no futebol moderno. Em quatro jogos, Gheorge Hagi marcou três gols — um deles, num preciso chute de cobertura contra a Colômbia, sem dúvida nenhuma tem lugar de destaque na lista dos mais belos da Copa — e deu passes açucarados para outros gols da Romênia. Quem pensa, no entanto, que se trata de uma revelação engana-se. Hagi, que completou 29 anos no dia 5 de fevereiro, disputa sua segunda Copa do Mundo e sofreu muito para fazer seu futebol aparecer durante o período em que o ditador comunista Nicolae Ceaucescu dominou o país — foi deposto em 1989, depois de quarenta anos dirigindo os destinos do país. "Acho que ele tinha ciúmes dos jogadores", argumenta. Livre das amarras, Hagi apareceu definitivamente para o mundo, nos Estados Unidos, depois de uma passagem não muito feliz pelo Real Madrid da Espanha. No auge da carreira, ele recebeu PLACAR para uma entrevista exclusiva, às vésperas de enfrentar a Suécia pelas Semifinais, já com a certeza de ter ajudado o futebol romeno a alcançar seu melhor resultado na história das Copas.

PLACAR — Você é o único representante da estirpe dos grandes camisas 10 nesta Copa. Isso é um sinal de que os craques acabaram?
Hagi — Acho que não. Estou me sobressaindo porque tive sorte de chegar ao Mundial em boa forma técnica e física. Creio, no entanto, que Hagi não é o único craque da Copa. Há muitos outros. Mas, de fato, existe um problema para a qualidade desses jogadores conseguir aparecer mais. O futebol atual é muito forte e nele predomina a marcação. Isso torna difícil que os grandes jogadores se sobressaiam, apesar das novas regulamentações da FIFA tenderem a mudar um pouco essa situação.

"Jogando em países como Itália e Espanha, nós, romenos, passamos a ter contato com o futebol do primeiro mundo. Isso só foi possível após a queda da ditadura de Ceaucescu"

FOTOS NELSON COELHO

PLACAR — Como se explica que o maior nome do Mundial venha da pouco expressiva Romênia?
Hagi — É prova de que a Romênia tem grandes jogadores e que trabalha sério para conseguir as vitórias. Nosso desenvolvimento tem sido grande, principalmente nos últimos quatro anos, quando vários jogadores saíram do país para atuar no exterior, provocando um amadurecimento maior da nossa equipe. Esse foi meu caso. Fui primeiro para o Real Madrid e depois para o Brescia *(N.R.: com Hagi, o time retornou este ano à Primeira Divisão do futebol italiano)*.

PLACAR — Além do êxodo para o exterior, o que mais ajudou a fortalecer o futebol romeno?
Hagi — Creio que o essencial foram mesmo as transferências. A saída para o exterior fez nossos jogadores perderem o medo. Jogando todo o tempo em países como Itália e Espanha, passamos a ter contato direto com a realidade do futebol de primeiro mundo. O outro motivo foi a queda da ditadura no meu país, em 1989. De lá para cá, os jogadores passaram a poder trabalhar para eles próprios.

PLACAR — Como assim?
Hagi — Antes um jogador de futebol na Romênia não podia sequer cuidar de sua própria imagem. Conversar com a imprensa, fazer seu nome, aparecer para o mundo, atrair o interesse de um clube do exterior, eram coisas proibidas. Hoje, não. Todos querem ter um bom desempenho na Copa porque isso significa o fortalecimento da própria imagem e frutos para cada um dos jogadores, sem o intermédio do Estado.

PLACAR — Como era a sua relação com a ditadura Ceaucescu?
Hagi — Um jogador de futebol não faz política, joga futebol. Assim, eles pouco se metiam em nossa vida. A não ser pelo fato de que não nos permitiam cuidar de nossa imagem. Não sei bem a razão. Talvez fosse por ciúmes da família Ceaucescu. Os jogadores poderiam aparecer mais do que eles.

PLACAR — Em 1989, o zagueiro Belodedici, desafiando a ditadura Ceaucescu, fugiu do país e foi o primeiro romeno a jogar no exterior. Ele abriu o caminho para vocês?
Hagi — Belodedici foi o único que teve coragem para fugir. Mas sem a revolução estaríamos na Romênia até hoje.

PLACAR — Fora o futebol, o que mudou no país?
Hagi — O futebol foi o segmento menos afetado pela revolução. Já tínhamos uma estrutura forte, baseada no Steaua Bucareste, que continuou. Mas muita gente ficou esperando uma reforma radical e instantânea. Isso não acontece em lugar nenhum do mundo. Há apenas cinco anos caiu a ditadura. É preciso dar tempo ao tempo para que as coisas se ajustem. Hoje a Romênia passa por uma crise muito séria.

PLACAR — A boa campanha da Seleção ajuda ou atrapalha a resolver a crise?
Hagi — Ajuda muito. Depois da classificação para as quartas-de-final, 1,5 milhão de pessoas saiu às ruas da Romênia para comemorar. O futebol encheu meu país de alegria e confiança. Isso é excelente. Só a confiança, a fé no próprio povo, como a que nossa Seleção provocou, pode fazer um país caminhar em direção ao progresso.

PLACAR — Embora a Romênia seja um país latino, a Seleção pratica um futebol de força. Acabou o tempo em que prevaleciam os times técnicos?
Hagi — Acabou. Basta ver o time do Brasil, na minha opinião o que jogou o melhor futebol da Copa até aqui. Tem jogadores fabulosos, mas sabe unir isso a um senso defensivo muito grande. Todo time precisa de jogadores de força, de corredores que permitam que os mais técnicos apareçam.

PLACAR— E isso é bom ou ruim para o futebol?
Hagi — É muito bom. Faz prevalecer o conjunto. O futebol é um esporte coletivo e nada se faz sem um conjunto bem montado.

PLACAR — O futebol romeno conseguiu o segundo bom resultado em Copas do Mundo, mas sequer se classificou para a Copa Européia de 1992. Por quê?
Hagi — Futebol também se ganha com sorte. Na última Copa da Europa, fomos eliminados por um único ponto *(N.R.: na realidade, a eliminação da Romênia foi ainda mais dramática. A Escócia venceu o Grupo 2 das Eliminatórias, com onze pontos, enquanto suíços e romenos empatavam em segundo, com dez cada. A segunda vaga ficou com a Suíça, que teve doze gols de saldo contra seis da Romênia).* Felizmente, a sorte tem estado ao nosso lado neste Mundial, ainda mais, graças a dois fatores: a maior experiência adquirida depois da saída de vários jogadores de nosso país e da presença do técnico Anghel Iordanescu.

"Somos latinos. E os latinos são sempre guerreiros, lutadores. Nós, os italianos, franceses, espanhóis e os sul-americanos temos capacidade de superação nos piores momentos"

PLACAR — Qual a vantagem de Iordanescu em relação a Emerich Jenei, que dirigiu o time na Itália, em 1990?
Hagi — Iordanescu sabe como criar um ambiente favorável. Impõe disciplina nos momentos necessários, mas é amigo e respeita a individualidade dos jogadores. Jenei não criava um bom ambiente. Principalmente para mim. Tenho certeza que Iordanescu é o técnico ideal para o desenvolvimento do futebol de meu país.

PLACAR —Qual o futuro desse futebol?
Hagi — O futuro somos nós quem construímos. Mas, nos próximos anos, continuarão em campo os mesmos jogadores que hoje estão disputando o Mundial pela Seleção Romena. Nossa média de idade é baixa, em torno de 25 anos, e os mais velhos somos Belodedici e eu, com 29. Isso basta para responder a pergunta.

PLACAR — Por que só a Romênia, entre os ex-países socialistas, consegue resultados expressivos no futebol de hoje?
Hagi — Porque é um país latino. Os latinos têm capacidade de superação nos piores momentos. São guerreiros, lutadores. Trazem essa herança dos tempos do Império Romano. Nós, os italianos, franceses, espanhóis e os sul-americanos, em geral, somos assim. Os eslavos são diferentes e vão sofrer mais para voltar ao topo.

PLACAR — Em 1990, você era uma estrela ascendente, recém-contratado pelo Real Madrid, e decepcionou. Por que hoje seu futebol brilha tão intensamente?
Hagi — Estou mais experiente. Mas há outro fator. O time atual é mais homogêneo, mais completo. Aí, trata-se do conjunto que falamos anteriormente. O time tem um padrão de jogo definido e isso faz com que meu futebol apareça.

PLACAR — Por que você fracassou no Real Madrid?
Hagi — Não encaro como fracasso. Mudei de um país completamente fechado para outro 100% democrático. Tive que me habituar ao fuso horário, à alimentação, à língua e ao novo modo de vida. Mesmo assim, depois de seis meses ruins, recuperei-me e, na segunda temporada, já era muito querido pela torcida. Então surgiu a proposta do Brescia, que me interessou por ser uma oportunidade de jogar no futebol italiano.

PLACAR — Você sonha em voltar a um grande clube da Itália ou de outro país?
Hagi — Ainda não penso nisso. No momento, só estou concentrado no que acontece com a Seleção Romena. Se depois da Copa do Mundo surgirem propostas, ótimo! Vou estudá-las com cuidado e se forem boas, posso até mudar de clube.

Novas regras dão vitória ao futebol

Pensando em tornar a Copa do Mundo dos Estados Unidos uma das mais atraentes em toda a sua história, os engravatados da FIFA resolveram arregaçar as mangas e ir à luta. Primeiro, a Federação proibiu que os goleiros pegassem com as mãos os recuos de seus zagueiros, exceto os feitos de cabeça. Depois, estabeleceu que as Seleções teriam todos os reservas à disposição durante as partidas e, de quebra, premiou os vencedores com três pontos. Por fim, orientou os árbitros a não serem coniventes com o jogo violento. Resultado:

- *118 gols marcados até as oitavas-de-final (em toda a Copa de 1990, na Itália, foram marcados 115 gols);*
- *apenas oito partidas, de um total de 44, terminaram empatadas — e só duas sem gols;*
- *cartões vermelhos e amarelos distribuídos fartamente: 13 expulsões e 188 cartões amarelos;*
- *só as oito melhores equipes deste Mundial dispararam 517 chutes contra o gol adversário.*

Esses números são indesmentíveis: as mudanças tornaram o futebol mais dinâmico e mais limpo e premiaram a qualidade técnica das Seleções. Com isso, as zebras da Primeira Fase foram sendo afastadas e, quando o funil estreitou, sobraram os oito melhores times da competição: Brasil, Holanda, Alemanha, Espanha, Itália, Suécia, Romênia e Bulgária. A única ausência sentida de fato nesse seleto grupo é a da Argentina, que ficou de fora por problemas extracampo, como o doping de Diego Maradona. De qualquer forma, a Seleção Romena, que acabou ocupando sua vaga, mereceu estar no grupo. Juntas, essas oito equipes cobraram 160 escanteios, dispararam 218 arremates de fora da área e bateram 57 faltas. Dentre elas, a Holanda foi a campeã de chutes a gol. Já o Brasil se destaca por ter sido um dos times que menos falta cometeu durante as quatro partidas realizadas e por apresentar, nesses quatro jogos, a melhor defesa da competição, com apenas um único gol sofrido. Confira nos gráficos o desempenho das oito melhores equipes da Copa.

		DA ÁREA	DE FORA
HOLANDA	80	49%	51%
SUÉCIA	68	43%	57%
ITÁLIA	67	43%	57%
ALEMANHA	64	50%	50%
BRASIL	63	51%	49%
ESPANHA	62	58%	42%
BULGÁRIA	60	43%	57%
ROMÊNIA	53	36%	64%

TABELÃO

Obs.: os números entre parênteses são os das camisas dos jogadores

OITAVAS-DE-FINAL

JOGO 7
4/julho/94
HOLANDA 2 X EIRE 0
Local: Citrus Bowl (Orlando); **Juiz:** Peter Mikkelsen (Dinamarca); **Público:** 61 355; **Gols:** Bergkamp 11 e Jonk 41 do 1º; **Cartão amarelo:** Koeman
HOLANDA: (1) De Goeij, (20) Winter, (4) Koeman, (18) Valckx e (2) Frank de Boer; (8) Jonk, (3) Rijkaard e (5) Rob Witschge ((16) Numan 33 do 2º); (7) Overmars, (10) Bergkamp e (19) Van Vossen ((11) Roy 24 do 2º). **Técnico:** Dick Advocaat
EIRE: (1) Boonner, (22) Kelly, (5) McGrath, (14) Babb e (3) Phelan; (7) Townsend, (8) Houghton, (6) Keane e (10) Sheridan; (11) Staunton ((21) McAteer 17 do 2º) e (15) Coyne ((16) Cascarino 28 do 2º). **Técnico:** Jack Charlton

JOGO 8
4/julho/94
BRASIL 1 X ESTADOS UNIDOS 0
Local: Stanford Stadion (São Francisco); **Juiz:** Joel Quiniou (França); **Público:** 84 147; **Gol:** Bebeto 28 do 2º; **Cartão amarelo:** Jorginho, Mazinho, Tab Ramos, Clavijo e Dooley; **Expulsão:** Leonardo 41 do 1º; Clavijo 40 do 2º
BRASIL: (1) Taffarel, (2) Jorginho, (13) Aldair, (15) Márcio Santos e (16) Leonardo; (5) Mauro Silva, (8) Dunga, (9) Zinho ((14) Cafu 23 do 2º) e (17) Mazinho; (7) Bebeto e (11) Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
ESTADOS UNIDOS: (1) Meola, (21) Clavijo, (17) Balboa, (22) Lalas e (20) Caligiuri; (9) Tab Ramos ((11) Wynalda, intervalo), (5) Dooley, (7) Hugo Pérez ((10) Wegerle 20 do 2º) e (16) Sorber; (8) Stewart e (13) Cobi Jones. **Técnico:** Bora Milutinovic

JOGO 5
5/julho/94
NIGÉRIA 1 X ITÁLIA 1
Local: Foxboro (Boston); **Juiz:** Arturo Brizio Carter (México); **Público:** 54367; **Gols:** Amunike 27 do 1º; Baggio 44 do 2º; **Cartão amarelo:** Emenalou, Massaro, Costacurta, Mutiu, Oliseh, Nwanu, Signori e Dino Baggio; **Expulsão:** Zola 31 do 2º
NIGÉRIA: (1) Rufai, (2) Eguavon, (19) Emenalou, (5) Okechukwu e (15) Oliseh; (6) Nwanu, (7) Finidi e (10) Okocha; (14) Amokachi ((21) Mutiu 41 do 2º), (9) Yekini e (11) Amunike ((8) Oliha 19 do 2º). **Técnico:** Clemens Westerhof
ITÁLIA: (12) Marcheggiani, (3) Benarrivo, (4) Costacurta, (8) Mussi e (5) Maldini; (11) Albertini, (16) Donadoni, (14) Berti ((13) Dino Baggio 30 do 2º) e (10) Baggio; (20) Signori ((21) Zola 19 do 2º) e (19) Massaro. **Técnico:** Arrigo Sacchi
Obs.: *Na prorrogação,* ***Nigéria 0 x Itália 1****, gol de Baggio (pênalti) aos 17 do 2º*

JOGO 3
5/julho/94
MÉXICO 1 X BULGÁRIA 1
Local: Giants Stadium (Nova Jersey); **Juiz:** Jamal Al-Sharif (Síria); **Público:** 71 030; **Gols:** Stoichkov 7 e García-Aspe 18 (pênalti) do 1º; **Cartão amarelo:** Kremenliev, Suárez, Sirakov, Luis García, Kiriakov, Yordanov, Ramón Ramírez e García-Aspe; **Expulsão:** Kremenliev 5 do 2º; Luis García 13 do 2º
MÉXICO: (1) Jorge Campos, (2) Suárez, (5) Ramón Ramírez, (4) Ambriz e (20) Rodríguez; (3) Ramírez Perales, (6) Bernal, (17) Galindo e (8) García-Aspe; (10) Luis García e (11) Zaguinho. **Técnico:** Miguel Mejía Baron
BULGÁRIA: (1) Mikhailov, (2) Kremenliev, (16) Kiriakov, (5) Hubchev e (11) Borimirov; (9) Lechkov, (20) Balakov, (10) Sirakov ((14) Genchev 13 do 1º da prorrogação) e (7) Kostadinov ((17) Mihtarski 13 do 2º da prorrogação); (13) Yordanov e (8) Stoichkov. **Técnico:** Dimitar Penev
Obs.: *Nos pênaltis,* ***México 1*** *(Suárez) x* ***Bulgária 3*** *(Genchev, Borimirov e Lechkov). Para o México perderam García-Aspe, Bernal e Rodríguez; para a Búlgaria perdeu Balakov*
Com esses resultados, Holanda, Brasil, Itália e Bulgária classificaram-se para as quartas-de-finais, juntando-se a Alemanha, Espanha, Suécia e Romênia.

ARTILHEIROS

Salenko (Rússia) **6**; Klinsmann (Ale) **5**; Batistuta (Arg), Stoichkov (Bul) e Dahlin (Sué) **4**; Romário (Bra), Hagi (Rom) e Kennet Andersson (Sué) **3**; Völler (Ale), Amin (AS), Caniggia (Arg), Albert (Bél), Bebeto (Bra), Valencia (Col), Hong Myung Bo (CS), Goicoechea e Caminero (Esp), Jonk e Bergkamp (Hol), Baggio (Itá), Luis García (Méx), Amunike e Amokachi (Nig), Raducioiu e Dumitrescu (Rom) e Knup (Suí) **2**; Riedle (Ale), Gushaian, Owairan e Jaber (AS), Balbo e Maradona (Arg), Grun e Degryse (Bel); Erwin Sánchez (Bol), Márcio Santos e Raí (Bra), Sirakov, Lechkov e Borimirov (Bul), Embe e Oman-Biyik (Cam), Gavíria e Lozano (Col), Seo Jung Won e Hwang Sun Hong (CS), Houhton e Aldrigde (EIRE), Hierro, Guardiola, Luis Enrique, Salinas e Beguiristain (ESP), Wynalda e Stewart (EUA), Taument e Roy (Hol), Dino Baggio e Massaro (Itá), Nader e Chaouch (Mar), Bernal e García-Aspe (Méx), Siasia, Finidi e Yekini (Nig), Rekdal (Nor), Petrescu (Rom), Radchenko (Rús), Ljung e Brolin (Sué), Bregy, Alain Sutter e Chapuisat (Suí) **1**

ARTILHEIRO NEGATIVO

Escobar (Col) 1vez

CARTÃO AMARELO

Effenberg (Ale), Amin e Muwallid (AS), Cáceres (Arg), Baldivieso (Bol), Ivanov (Bul), Valderrama (Col), Young Il Choi (CS), Irwin e Phelan (EIRE), Ferrer e Caminero (Esp), Clavijo e Harkes (EUA), Mitropoulos (Gré), Koeman e Wouters (Hol), Naybet (Mar), Suárez, Del Olmo, García-Aspe e Luis García (Méx), Emenalou e Oliseh (Nig), Haland (Nor), Raducioiu (Rom), Nikiforov e Khlestov (Rús), Dahlin (Sué) e Subiat (Suí) **2**; Kohler, Helmer, Möller, Wagner, Brehme e Klinsmann (Ale), Al Deayea, Madani, Al Dosari, Jawad, Jebrin e Falatah (AS), Ruggeri, Chamot, Redondo, Caniggia e Batistuta (Arg), Borkelmans, Grun, Smidts, Albert e Scifo (Bél), Quinteros, Soria, Cristaldo, Rimba e Borja (Bol), Jorginho, Aldair, Mauro Silva e Mazinho (Bra), Tzvetanov, Kiriakov, Kremenliev, Hubchev, Siriakov, Yankov, Balakov, Yordanov, Borimirov e Lechkov (Bul), Songo'o, Tataw, Kalla, Mbouh e Kama-Biyik (Cam), Herrera, Álvarez, Gaviria e De Avila (Col), Jung Bae Park, Shin Hong Gi, Ko Jeong Woon e Kim Joo Sung (CS), Keane, Hougton e Kelly (EIRE), Camarasa, Abelardo, Otero, Luis Enrique, Goicoechea, Hierro e Salinas (Esp), Lalas, Dooley e Tab Ramos (EUA), Manolas, Kalitzakis, Tsalouchidis, Chantzidis, Karayannis e Alexudis (Gré), Van Gobbel, Frank de Boer, Witschge, Jonk, Rijkaard e Bergkamp (Hol), Costacurta, Albertini, Dino Baggio, Massaro, Casiraghi e Signori (Itá), El Haudrioui, Azzouzi, Daoudi, Samadi, El Khalej, Hababi, Bouiyboud e Nader (Mar); Ramón Ramírez e Jorge Campos (Méx), Nwanu, Egauvon, Keshi, Mutiu e Amunike (Nig), Johnsen, Bjornebye, Leonhardsen e Sorloth (Nor), Selymes, Mihali, Belodedici, Lupescu, Petrescu, Hagi e Dumitrescu (Rom), Kharin, Gorlukovic, Kuznetzov e Karpin (Rús), Roland Nilsson, Ljung, Schwarz, Mild, Thern e Kennet Andersson (Sué); Pascolo, Herr, Hottiger, Bregy, Studer e Knup (Suí) **1**

EXPULSÃO

Cristaldo e Etcheverry (Bol), Leonardo (Bra), Tzvetanov e Kremenliev (Bul), Song (Cam), Nadal (Esp), Clavijo (EUA), Pagliuca e Zola (Itá), Luis García (Méx), Vladoiu (Rom) e Gorlukovic (Rus) **1 vez**

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Thomaz Souto Corrêa

DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO: Carlos Roberto Berlinck
SECRETÁRIO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Dalton Pastore Júnior
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Edvard Ghirelli
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Ricardo A. Setti
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLES: Valter Pasquini
DIRETOR DE SISTEMAS: Vanderlei Bueno

PLACAR

DIRETOR DE REDAÇÃO: Juca Kfouri
REDATOR-CHEFE: Sérgio F. Martins
DIRETOR DE ARTE: Haroldo Jereissati
EDITOR: Mauro Cezar Pereira
REPÓRTERES: Paulo Vinicius Coelho, Manoel G. Coelho Fº
CHEFE DE ARTE: Jonas Aquino Plaça
DIAGRAMADORES: José Jonas de Lima, Rosalina Sasaki
FOTÓGRAFO: Nélson Coelho
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Sebastião Silva
ATENDIMENTO AO LEITOR: Rodolfo Martins Rodrigues

APOIO EDITORIAL

GERENTE DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
DIRETOR DE SERVIÇOS FOTOGRÁFICOS: Pedro Martinelli
GERENTE ABRIL PRESS: Judith Baroni
GERENTE NOVA YORK: Grace de Souza
GERENTE PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE

ATENDIMENTO DE AGÊNCIAS
GERENTES DE GRUPO: Celso Marche, Roberto Nascimento
GERENTES EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Paulo D'Andrea, Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel, Claudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
GERENTE PARA ANUNCIANTES DIRETOS: Paulo Renato Simões (RJ)
GERENTES DA CENTRAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE DIRETOS: Alderlei Cunha, Alberto Simões
GERENTE DE ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR DE ADM. E PLANEJ.: Rodinaldo Escocard de Souza

CIRCULAÇÃO

DIRETOR DE VENDAS AVULSAS: Eduardo Macedo
DIRETOR DE VENDAS DE ASSINATURAS: Vicente Argentino
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Nelson Romanini Filho

PUBLICAÇÕES

DIRETOR: Carlos Herculano Ávila

DIRETOR BRASÍLIA: Luiz Edgard P. Tostes
DIRETOR RIO DE JANEIRO: Luiz Fernando Pinto Veiga

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Paschoal, Placido Loriggio, Thomaz Souto Corrêa

A Copa na Telinha

A programação das TVs de 10/7 a 13/7

BANDEIRANTES

10/7	10h30	Show do Esporte	
10/7	13h	**Bulgária x Alemanha**	Vivo
10/7	15h	Copa 94	Reportagens
10/7	16h30	**Romênia x Suécia**	Vivo
10/7	20h	Apito Final	
11/7	11h	Flash	Reapresentação
11/7	12h30	Esporte Total	
11/7	20h	Copa 94	Reportagens
11/7	20h30	Apito Final	
12/7	1h	Flash	
12/7	11h	Flash	Reapresentação
12/7	12h30	Esporte Total	
12/7	20h	Copa 94	Reportagens
12/7	20h30	Apito Final	
12/7	1h	Flash	
13/7	11h	Flash	Reapresentação
13/7	12h30	Esporte Total	
13/7	15h15	Copa 94	Reportagens
13/7	17h	**(Bulgária ou Alemanha) x (Itália ou Espanha)**	Vivo
13/7	19h45	Copa 94	Reportagens
13/7	20h30	**(Romênia ou Suécia) x (Holanda ou Brasil)**	Vivo
13/7	22h30	Apito Final	
13/7	2h	Flash	

CULTURA

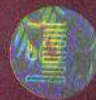
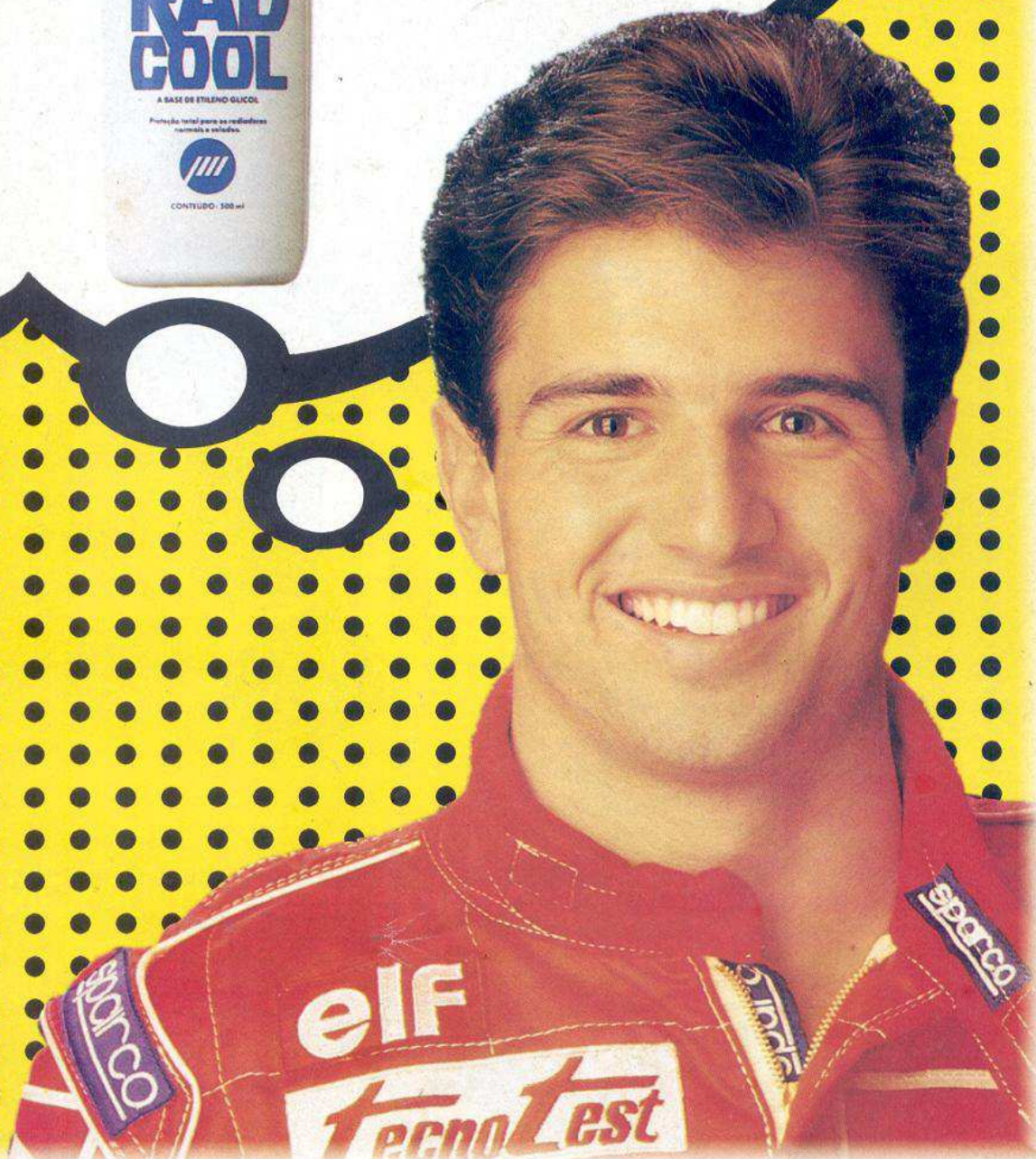
10/7	21h	Grandes Momentos do Esporte
10/7	22h	Cartão Verde

GLOBO

10/7	12h40	**Bulgária x Alemanha**	Vivo
10/7	16h35	**Romênia x Suécia**	Vivo
11/7	0h35	Placar Eletrônico	
11/7	12h30	Globo Esporte	
12/7	12h30	Globo Esporte	
13/7	12h30	Globo Esporte	
13/7	17h05	**(Bulgária ou Alemanha) x (Itália ou Espanha)**	Vivo
13/7	20h35	**(Romênia ou Suécia) x (Holanda ou Brasil)**	Vivo

SBT

10/7	8h30	Esporte Mágico	
10/7	12h50	**Bulgária x Alemanha**	Vivo
10/7	16h20	**Romênia x Suécia**	Vivo
11/7	0h30	Resumo da Copa	
11/7	0h	Jô Soares na Copa	
12/7	1h15	Resumo da Copa	
12/7	1h45	Perfil	
12/7	23h30	Jô Soares na Copa	
13/7	0h45	Resumo da Copa	
13/7	1h15	Perfil	
13/7	16h50	**(Bulgária ou Alemanha) x (Itália ou Espanha)**	Vivo
13/7	20h20	**(Romênia ou Suécia) x (Holanda ou Brasil)**	Vivo
13/7	23h30	Jô Soares na Copa	
13/7	0h45	Resumo da Copa	
13/7	2h	Perfil	

Obs.: Todos os telejornais apresentarão reportagens sobre a Copa.
Os programas Flash, Perfil e Jô Soares serão transmitidos dos EUA.
A TV Cultura e as TVEs transmitem a mesma programação em rede nacional, exceto para o Rio de Janeiro.

NÃO ESQUENTE A CABEÇA.
USE BARDAHL RAD COOL NO RADIADOR.

Bardahl Rad Cool é um componente essencial para água de radiador. Protetor e anticongelante, Rad Cool aumenta o poder refrigerante da água. Para não ficar de cabeça quente, faça como eu. Use sempre Bardahl Rad Cool.

TUDO ANDA BEM COM BARDAHL.

Denison/BSB